RACE INTERDISCIPLINAR
REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA
ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

NARCISISMO E CONTEMPORANEIDADE: REPENSANDO A CLÍNICA PSICOLÓGICA.

Ana Carolina Dias
Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Rita de Cássia de Itumbiara
Leylyane Martins Barbosa
Graduada em Psicologia pela Faculdade Santa Rita de Cássia de Itumbiara
Marcos Pereira da Silva
Professor Mestre - IFASC
Vanessa Mendes Silva
Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santa Rita de Cássia de Itumbiara
Wesley Júnior da Silva
Professor Mestre - IFASC

RESUMO

A contemporaneidade é marcada pelo imperativo da performance e da ação. Os modos de sofrimento psíquico, consequentemente, são marcados pela exterioridade, o que acarreta impactos importantes para o dispositivo analítico. O cenário da clínica atual evidencia o aumento de casos de depressão, de drogadição, das somatizações, da violência, dos estados-limites e em especial das adicções. O advento desse aumento de casos está relacionado com as transformações ocorridas no processo subjetivo na contemporaneidade. O objetivo geral deste artigo é discutir a clínica psicanalítica contemporânea, à luz do conceito de narcisismo proposto por Freud em 1914, e das formas de subjetividade atualmente, em especial da adicção. Enquanto os objetivos específicos são: analisar o cenário contemporâneo a fim de compreender a produção das subjetividades marcadas pelas transformações histórico-culturais, no que diz respeito à disseminação da sociedade do espetáculo e da cultura do narcisismo; refletir sobre os impactos que as subjetividades contemporâneas engendram a clínica psicanalítica; e apresentar o modelo teórico do narcisismo como paradigma da constituição subjetiva da contemporaneidade. Trabalhos que se propõe a repensar a clínica psicanalítica à luz das "novas" formas de subjetivação se justificam porque analisam essas transformações, permitindo que surjam a partir dessas problematizações formas de compreender as questões clínicas na atualidade. Este estudo possui um delineamento bibliográfico. Uma saída para repensar os dispositivos analíticos seria o retorno aos textos freudianos e lacanianos, recuperando a clínica psicanalítica da singularidade, do "caso a caso", que muitas vezes acaba sendo esquecida. "Novas" formas de padecimento exigem "novos" dispositivos analíticos para pensar a clínica.

Palavras-chave: Narcisismos, Contemporaneidade e Psicanálise

INTRODUÇÃO

A clínica contemporânea é marcada por inúmeros casos que levam os analistas a repensarem o dispositivo analítico utilizado. O cenário da clínica atual evidencia o aumento de casos de depressão, de drogadição, das somatizações, da violência, dos estados-limites e em especial das adicções. O advento desse aumento de casos está relacionado com as transformações ocorridas no processo subjetivo na contemporaneidade. Autores como Birman (2011), Cardoso (2015) e Costa (2005) afirmam que muitos quadros psicopatológicos existentes na contemporaneidade estão

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

intrinsecamente ligados com as transformações histórico-culturais que aconteceram no decorrer do século XX, enfatizando a cultura do consumo, do narcisismo e do espetáculo como pontos norteadores das novas formas de subjetivação na contemporaneidade.

Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é discutir a clínica psicanalítica contemporânea, à luz do conceito de narcisismo proposto por Freud em 1914, e das formas de subjetividade atualmente, em especial da adicção. Enquanto que os objetivos específicos são: analisar o cenário contemporâneo a fim de compreender a produção das subjetividades marcadas pelas transformações histórico-culturais, no que diz respeito à disseminação da sociedade do espetáculo e da cultura do narcisismo; refletir sobre os impactos que as subjetividade contemporâneas engendram a clínica psicanalítica; e apresentar o modelo teórico do narcisismo como paradigma da constituição subjetiva da contemporaneidade, enfatizando o que Cardoso (2015) chamou de "constituição egóica" apresentada pelos pacientes, a partir do que vem sendo chamado de "patologias do ato", em outras palavras, os casos de compulsão na contemporaneidade.

Levando em consideração os diferentes quadros clínicos que aparecem como um desafio para o modelo da neurose clássica, já que, para a autora os mesmos pouco se prestam à regra fundamental da psicanálise baseada na "associação livre-interpretação-escuta flutuante". Nas palavras de Cardoso (2015, p. 10): "Essas dinâmicas subjetivas colocam em xeque o dispositivo analítico, obrigando a teoria e a técnica psicanalítica a se reelaborar sob o risco de não dar conta das formas de sofrimento da atualidade".

Nesse sentido, trabalhos que se propõe a repensar a clínica psicanalítica à luz das "novas" formas de subjetivação se justificam porque analisam essas transformações, permitindo que surjam a partir dessas problematizações formas de compreender as questões clínicas na atualidade. É importante mencionar que o presente trabalho se enquadra dentro de uma perspectiva que analisa os quadros clínicos na atualidade a partir de análises histórico-social da psicanálise. A análise histórico-social acaba enriquecendo a pesquisa, pois, inclui aspectos que muitas vezes acabam sendo negligenciados pelos analistas. Do ponto de vista acadêmico, nota-se que são poucas pesquisas que se debruçam sobre essas temáticas, principalmente, levando em consideração o conceito de narcisismo proposto por Freud, como um conceito que pode ser norteador para repensar a clínica psicanalítica na atualidade.

Inicialmente, é importante definir o que se entende por neste artigo por "patologias do ato", pois, as demais discussões passarão por elas. Segundo Cardoso (2015) as "patologias do ato" pode ser compreendida como um recurso que alguns sujeitos

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

encontram para fugir da ameaça do excesso pulsional, já que, para a autora o ego tem poucos recursos para se defender desses excessos característicos das sociedades contemporâneas.

Considerando que o presente artigo trabalhará com a adicção enquanto uma "patologia do ato", é importante descrever os principais aspectos da mesma. De acordo com Nogueira (2003), a adicção se caracteriza pela tendência compulsiva à realização de uma ação. Neste artigo, a ênfase dada é no ato de drogar-se. Em outras palavras, o adicto nesta pesquisa, que quer dizer afeiçoado a, é aquele cuja sua escolha recai sobre o objeto-droga.

Não se pode negligenciar que a relação do sujeito com a droga é plural, que ao analisar essa questão, devem-se levar em consideração, entre outros critérios, os tipos de droga ou os tipos de uso que dela são feitos. Assim como existem diferentes tipos de usuários de droga, desde aqueles que fazem uso dela apenas eventualmente e em circunstâncias sociais, até os que dela são dependentes. Entretanto, de acordo com Nogueira (2003, p. 26):

> Há, contudo, na relação com a droga, algo que parece comum a qualquer das modalidades que seu uso venha a tomar, que é a busca ao prazer. Sob as mais diversas motivações – fuga à depressão, auto-afirmação, rebeldia etc. – encontra-se em ação o princípio que rege o funcionamento do psiquismo humano, o princípio do prazer.

Posteriormente, a adicção será problematizada para além desse princípio de prazer, levando em consideração as transformações histórico-sociais e a própria teoria psicanalítica. No momento é importante dissertar sobre esses aspectos histórico sociais e as novas formas de subjetividade na contemporaneidade.

APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE MODERNIDADE E "PÓS-MODERNIDADE"

Existem duas formas diferentes de pensar as transformações ocorridas no decorrer do século XX, uma deles é postular que os indivíduos passaram por mudanças que romperam quase que completamente a época anterior, no caso, a modernidade. Esses autores compreendem que a sociedade atual viva o que eles chamam de "pós-modernidade". Entretanto, há autores que argumentam que não existe uma nova época com características próprias que justifique a divisão de um período moderno e um pós-

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

moderno. Para os mesmo, as transformações que ocorreram no pensamento, nas formas das pessoas se relacionarem, entre outras coisas, é uma extensão do que convencionou chamar de modernidade (STACECHEN; BENTO, 2008, p. 423).

De acordo com Cardoso (1996), o grupo daqueles que acreditam que a sociedade passa por um período "pós-moderno" é encabeçado pelo filósofo Lyotard, pois, ele "sugere que as mudanças processadas no modo de vida do homem e na organização da sociedade constituem um marco delimitador de duas épocas, rompendo com a ética e os valores antes professados" (CARDOSO, 1996, p. 67). Esses autores seriam os denominados "pós-modernistas". No outro grupo, cujo principal representante é o filósofo alemão Habermas estariam autores que defendem que as transformações ocorridas, principalmente, na segunda década do século XX, estão ligadas ao acirramento das características surgidas no bojo do Iluminismo, privilegiando a razão e os saberes que daí decorrem. Assim, não poderia existir uma época "pós-moderna". Nota-se que o antagonismo entre os dois conceitos repousa em aceitar ou rejeitar a influência do Iluminismo no modo de pensar das sociedades atuais.

Não é objetivo desse artigo discutir profundamente o antagonismo entre esses dois conceitos, muito menos postular qual o grupo tem mais coerência em suas discussões. Introduziu a discussão acima para demonstrar que não há um consenso na nomenclatura utilizada para se referir a essa época. Nesse sentido, será adotado o termo contemporaneidade porque por meio dele é possível abarcar os aspectos de continuidade e descontinuidade das sociedades modernas.

REFLEXÕES SOBRE A CONTEMPORANEIDADE: O NARCISISMO COMO UM IMPERATIVO

Segundo Cardoso (2015), as expressões do sofrimento psíquico contemporâneo estão disseminadas na produção psicanalítica atual através de diversos termos: novas formas de subjetivação, novas subjetividades, novos sintomas, novos padecimentos psíquicos etc. Para a autora, todas essas denominações apontam que a constituição da subjetividade da contemporaneidade é diferente dos tempos freudianos. Que há outras maneiras de sofrer e adoecer que está ligada às características das nossas sociedades.

Assim, diferentes analistas interrogam se as sociedades contemporâneas estão a produzir novos tipos de pacientes. Com uma dinâmica e problemática completamente diversa dos sofrimentos psíquicos que acometiam as pessoas no período clássico da

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

psicanálise. É importante mencionar que não se trata aqui de excluir a possibilidade de existir pacientes com sintomas neuróticos clássicos, sem dúvida alguma, muitos pacientes com esses sintomas continuam chegando nos consultórios dos analistas, ou seja, o conflito sexual ainda habita o psiquismo dos sujeitos contemporâneos (CARDOSO, 2015).

A literatura psicanalítica possui duas posições, no que diz respeito à problematização dessas novas formas de subjetividade: a primeira acredita "que estamos na presença de novas expressões das mesmas estruturas clínicas clássicas do início do século passado, outros consideram que estamos diante de maneiras de padecimento psíquico inéditas" (CARDOSO, 2015, p. 34). Dessa forma, acredita-se:

> [...] que o mais importante é buscar compreender a especificidade da constituição da subjetividade hoje, seja pela leitura de configurações subjetivas inéditas, seja pelo viés de novas roupagens para velhos sintomas. Ou seja, independente de qualquer posição que se tome a respeito, não se pode deixar de considerar que uma série de transformações no modus vivendi do sujeito na contemporaneidade exige um estudo mais cuidadoso de sua dinâmica psíquica (CARDOSO, 2015, p. 35-36).

Seguindo essa indicação da autora, faz-se necessário descrever e analisar algumas das transformações histórico-sociais que influenciam a constituição da subjetividade dos indivíduos na contemporaneidade.

Nas palavras de Pinheiro e Herzog (2003), analisar a segunda metade do século XX é uma tarefa complexa e cheia de embaraços, porque ao se propor isso o pesquisador não pode descartar o fato de estar vivendo esse momento do tempo. Mesmo com esses problemas, não é possível negar que a sociedade passou por consideráveis mudanças em todos os aspectos. Para Pinheiro e Herzog, as principais mudanças foram:

> O século XX foi o século das 2 grandes guerras mundiais, o século da industrialização e o século da comunicação e da tecnologia. E, como decorrência, o século do consumo. Ao mesmo tempo, é o século da morte de Deus – conforme afirmam alguns filósofos – e o século do homem feito Deus. Tanto assim que os mais variados inventos tecnológicos permitiram ao homem ir à lua; produziu-se a pílula anticoncepcional, liberando a sexualidade; os antidepressivos modernos; fomos como num passe de mágica, da fecundação in-vitro à Dolly que revolucionou a crença quase absoluta que se tinha nos cromossomos, liberando a vida da morte. Em cerca de 30 anos o muro de Berlim foi erguido e demolido. Inventou-se a televisão e o faz, o telefone celular e a internet e a globalização. Em curto espaço de tempo, num ritmo alucinante, produz-se verdades que se tornam mentiras, certezas que não se sustentam. Não se tem tempo sequer para acreditar (PINHEIRO; HERZOG, 2003, p. 3).

Nota-se que todas essas mudanças ocorreram após a invenção freudiana da psicanálise e, certamente, isso faz muito diferença na forma dos indivíduos constituírem

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

suas subjetividades. Dizer que a sociedade passou por todas essas transformações é afirmar também que tudo isso implica em formas diferentes de subjetivação, que, consequentemente, alteram as formas vivenciar e compreender o sofrimento psíquico. Alguns autores se dedicaram a analisar essas transformações, entre eles se encontra Guy Debord.

A relação social mediada por imagens é o que Debord (1994) denominou de sociedade do espetáculo. Essa modalidade atual da vida humana coloca a aparência como fundamental para a existência. Segundo Debord "o que aparece é bom, o que é bom aparece" (DEBORD, 1994, p. 17). Deste modo, aqueles que não conseguem estetizar sua existência a ponto de ganhar prestígio social, não merecem atenção nem exaltação. O que se verifica com isso é um deslocamento do ter para o parecer. Ou seja, não importa mais o que se é ou o que se tem, mas o que a imagem diz que parece ser.

Nesse momento, cabe ressaltar a importância da mídia para a realização espetacular das existências. Sem o aparato midiático, o espetáculo perde o brilho, o poder de apreensão do olhar do outro. Para Birman (2011), cria-se a ideia de que somente o que é bom e belo pode ser transmitido pela televisão ou pela informática, ou estar impresso nos jornais e nas revistas, o que ganha visibilidade midiática passa a ser o ideal a ser alcançado pelos "reles mortais" que não conseguiram estetizar a sua existência de maneira competente (BIRMAN, 2011). De acordo com Costa (2005), dessa forma, a mídia dita modelos de pais, de mães, de sexualidade, de amizade, de romance, de lazer, de corpo etc., em suma, maneiras de existir. O indivíduo não é posto para pensar sobre o significado de tais modos de existir, pois esses modelos são impostos como moldes de felicidade, completude e sucesso. Aqueles que não conseguem copiar tais modelos são rotulados como fracassados. Essas imagens difundidas na contemporaneidade não são capazes de construir a teia fantasmática por meio de adjetivos, metáforas e hipérboles. Elas estão, antes de tudo, referidas ao concreto da imagem.

Dessa forma, consumir passa a estar referido diretamente ao existir. A construção do ideal deixa de ser formada por um conjunto priorizado de valores para ser constituída puramente por ícones. "Como se a imagem, com seus emblemas, falasse por si só. O ter esses objetos é ser alguma coisa que não precisa de predicados" (PINHEIRO, 2002, p.171).

Segundo Birman (2011), na sociedade do espetáculo o que interessa é a exaltação do ego. O outro serviria apenas como um instrumento para o engrandecimento do ego, sendo então descartado quando não mais servir para essa finalidade. Isso constrói uma

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

nova forma de relação entre as pessoas, uma relação líquida, segundo Bauman (2004), que pode ser desfeita sempre que os narcisismos não mais forem alimentados pelos sujeitos envolvidos na relação.

Herzog (2004) nos lembra que Freud afirmou em o Mal-estar na civilização que as relações sociais são uma das grandes fontes de sofrimento para os sujeitos. Sendo assim, o convívio social é, sem dúvida, uma das principais causas das mazelas psíquicas na contemporaneidade. Se o outro serve apenas como instrumento de glorificação egóica e não mais como referência segura que permita a identificação, a autora nos propõe que precisamos reinventar modos de laço social em que o lugar do outro não seja absoluto. A exibição e a teatralidade são os imperativos da atual sociedade, pois para ter a admiração do outro – e o então enaltecimento do ego –, a imagem deve ser exposta. Para a captura do olhar do outro, é necessário realizar aperfeiçoamentos na imagem. Essa estetização da existência e o imprescindível engrandecimento do ego remetem ao narcisismo que os indivíduos devem cultivar para ter destaque na sociedade (BIRMAN, 2011).

De acordo com Cardoso (2015, p. 40):

> Esta mudança normativa coloca em voga o narcisismo. E, os novos pacientes estariam justamente evidenciando o fracasso em singularizar e estetizar suas existências. Diferentemente do que Freud escutava no início do século XX, os pacientes de hoje não se referem à culpa, não reconhecem os - apesar de ela não estar ausente, seus conflitos, suas representações são precárias e parecem limitados na tarefa de simbolizar suas dores. O conflito edípico não se constitui mais como nó central; estamos diante de patologias nas quais o aparato psíquico se organiza segundo a perda da referência identitária.

Ainda para a autor, na neurose histérica, por exemplo, quando os primeiros objetos de amor são abandonados, traços deles são recolhidos e os indivíduos buscam outras referências, constituindo seu ego a partir de um precipitado de identificações. Nesses casos, a perda permite a construção de mecanismos de defesa estáveis, porém, nas formas de sofrimento atuais isso não é encontrado (CARDOSO, 2015).

Por meio do que foi discutido aqui é possível verificar que nessa atual sociedade do espetáculo e da performance – que tem por objetivo a sedução do olhar do outro para a exaltação do eu –, o que se verifica é o achatamento da dimensão interior para o predomínio da dimensão exterior (BIRMAN, 2011). O que está em jogo não é mais a capacidade reflexiva e o outro internalizado. O conflito agora remete a um excesso de exterioridade, onde o que importa é obter a admiração do outro.

Para uma compreensão melhor sobre o imperativo do narcisismo na

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

contemporaneidade é necessário retomar a construção do conceito de narcisismo em Freud e da constituição narcísica do ego dentro do seu pensamento.

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO NO PENSAMENTO FREUDIANO

Freud (1914/1996) designa o narcisismo como uma etapa imprescindível do processo de constituição do ego, caracterizando-o como o amor de si mesmo. Esse momento está inscrito no percurso do desenvolvimento libidinal, entre o autoerotismo e o amor objetal. Viver essa fase é fundamental, mas ir além dela também o é para que possamos construir laços com os outros. Isto não significa que o narcisismo seja uma fase do desenvolvimento libidinal que vem a ser ultrapassada, o sujeito tem de manter alguma "reserva" da libido investida em si mesmo, e não a direcionar toda ao objeto. Dessa forma, o ego se anuncia como um objeto interno, um objeto da pulsão. Embora o conceito tenha surgido na teoria de Freud em 1914, com o texto "Sobre o narcisismo: uma introdução", sua problemática remonta a momentos anteriores na obra freudiana.

O termo "narcisismo" aparece pela primeira vez na obra freudiana em uma nota de rodapé acrescentada em 1910, no artigo "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade" (FREUD, 1905/1996, p. 137). Nesta publicação, Freud lança mão do conceito numa tentativa de explicar a escolha do objeto amoroso na homossexualidade, que se dá de maneira narcísica. Mais tarde, no texto de 1914, fará a distinção entre a escolha objetal por apoio e a escolha narcísica. Na escolha por apoio, o objeto é eleito a partir do modelo dos primeiros objetos que alimentaram, cuidaram e protegeram o bebê. No tipo narcísico, por sua vez, certas pessoas tomam a si mesmas como objeto de amor.

Em Totem e Tabu (1913/1996), a questão do narcisismo ganhou mais importância na teorização freudiana. O narcisismo passa a ser considerado um estágio do desenvolvimento psicossexual universal, referido ao processo identificatório, constituindo-se ainda como uma maneira de pensar primitiva. Neste sentido, o narcisismo se torna visível não só como o investimento libidinal no próprio corpo e na escolha de objeto homossexual, como também no pensamento mágico infantil e dos "povos primitivos", na medida em que "o processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado" (p. 100), assim originando a crença na onipotência narcísica.

A partir desse texto, há uma mudança na compreensão do desejo inconsciente, pois até então esse era concebido basicamente como inerente ao funcionamento pulsional.

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

Com Totem e Tabu, Freud dá relevo à questão das exigências da sociedade feitas ao indivíduo. E aponta de que modo os imperativos sociais acabam por obrigar o aparelho psíquico a se reorganizar, fazendo erigir um ego que dê conta, por um lado, das demandas do mundo exterior e, por outro, das exigências pulsionais.

Na obra "Sobre o narcisismo: uma introdução", Freud (1914/1996) indica que a escolha do próprio corpo como objeto de investimento não deve ser considerada como uma perversão. O momento de investimento amoroso em si mesmo passa a ser compreendido como um movimento necessário ao processo de subjetivação.

Freud deu especial relevo ao papel da alteridade na constituição narcísica do ego. A construção fantasmática dos pais a respeito dos filhos como onipotentes e perfeitos, responde à necessidade de reparação por seus próprios desejos e objetivos não alcançados. Um ideal de "princesa ou herói" é criado e terá de ser alcançado pela criança, em uma tentativa de realização de todos os sonhos dos pais. Neste sentido, o amor parental é a projeção do narcisismo deles, transformado em amor objetal, em busca da imortalidade de suas existências. Dessa forma, o narcisismo pode ser entendido como a invenção da subjetividade (PINHEIRO, 1995a).

O conceito de narcisismo traz a questão de que não se pode falar de um ego desde o início da existência. O ego é constituído na relação com a alteridade e tal processo ocorre simultaneamente com a delimitação de um corpo próprio, marcando assim um limite entre o eu e o outro. A este propósito, no texto de 1914, Freud aponta que é necessária "uma nova ação psíquica" (FREUD, 1914/1996, p. 99) que direcione a libido autoerótica para os objetos.

Neste momento, vale uma pequena incursão pelo pensamento de Ferenczi. Em 1909, quando o conceito de narcisismo ainda não havia sido postulado por Freud, Ferenczi apresenta o conceito de introjeção considerando-o fundante do psiquismo. A introjeção se refere à expansão da libido autoerótica até os objetos (FERENCZI, 1909/2011), visando se apropriar de tudo e transformar o estranho em familiar. De acordo com Pinheiro (1995b), é o que vai possibilitar a construção de um sentido e proteger a criança contra o desamparo. Nesta perspectiva, a apropriação dos objetos inaugura e dilata o ego.

Ainda segundo Pinheiro (1995a), o narcisismo segue o mesmo movimento da introjeção na eliminação das diferenças. O ego apropria-se do outro e do desejo deste para se proteger contra o desamparo, isto permite que as qualidades do objeto sejam

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

assimiladas e transformadas em qualidades do próprio ego. Assim, a linguagem, o investimento e os sentidos atribuídos ao bebê pelos pais serão introjetados pela criança, permitindo a criação de seu mundo fantasmático. Desta forma, a introjeção, na teoria ferencziana, funciona como o disparador da subjetividade e compõe a base do que Freud chamará de instâncias ideais. Este é um dos pontos de encontro entre o conceito ferencziano de introjeção e o conceito freudiano de narcisismo, e cujo aprofundamento deve possibilitar uma compreensão acerca da constituição do ego.

METODOLOGIA

Este estudo possui um delineamento bibliográfico, ou melhor, será uma pesquisa baseada em trabalhos já existentes e publicada sobre a temática. De acordo com Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é toda aquela desenvolvida mediante os materiais já elaborados, principalmente, os livros e artigos científicos que falam sobre o assunto estudado. É válido ressaltar que todos os trabalhos fazem uso de bibliografias, no entanto, existe um tipo de pesquisa que é desenvolvida exclusivamente por meio de fontes bibliográficas. O presente trabalho se enquadra neste tipo de pesquisa.

Os materiais consultados na pesquisa bibliográfica abrangem todo tipo de referencial já tornado público em relação ao tema de estudo. Por exemplo, pesquisas, monografias, dissertações, teses, livros entre outras coisas. É por meio das leituras que o pesquisador reúne conhecimento suficiente para responder aos questionamentos que foram colocados por sua pesquisa, alcançando seus objetivos (GIL, 1999). Foram usados para compor a fundamentação teórica destes trabalhos, livros e artigos que problematizam a clínica psicanalítica e as novas formas de subjetivação.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A clínica psicanalítica contemporânea é marcada pela presença de expressões de sofrimento psíquico que se evidenciam através da ação. A literatura psicanalítica tem cada vez mais se dedicado a compreender o que alguns autores chamam de patologias do ato, caracterizadas pelo recurso intenso ao agir ou, por seu oposto, a inibição do agir.

O termo “ato”, contudo, não é um conceito psicanalítico, embora tenha sido frequentemente empregado na composição de importantes noções psicanalíticas como o

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

ato falho, ato compulsivo e *acting out*. Outras vezes, o termo figura fazendo referência ao comportamento motor ou verbal. Portanto, este termo merece ser melhor explicado.

Em termos gerais, segundo De Mijolla (2005), ato ou ação objetivam a modificação do meio ambiente para escapar de um perigo ou buscar satisfação de um desejo. Já o termo atuação foi utilizado por Freud (1900/1996) para descrever o ato pelo qual o sujeito vive os seus desejos e fantasias inconscientes no tempo presente, mas com o sentimento de novidade e surpresa, por desconhecer a sua gênese e a sua característica repetitiva.

A noção de ato falho foi empregada no texto "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana" (FREUD, 1901/1996) para designar as falhas da palavra, da memória e da ação que geralmente o sujeito cumpre satisfatoriamente, e quando erra ele não aceita de forma direta, mas o relaciona à desatenção ou ao acaso. Freud é enfático ao afirmar que através do ato falho o desejo inconsciente se realiza.

Com relação ao termo *acting out*, este também foi apresentado em "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana" (FREUD, 1901/1996) para denominar as ações que geralmente possuem um caráter impulsivo, indicando a emergência do recalcado. Portanto, as ações referidas a esse termo estão relativamente distantes do comportamento habitual do sujeito. Assim, momentaneamente, o pensamento é substituído pela ação. Todas essas noções podem estar presentes em uma situação transferencial nos tratamentos da neurose, porém, o mesmo não ocorre com o conceito de passagem ao ato.

Este termo, adotado pela psiquiatria e sistematizado por Lacan (1962-1963/2005), denota os atos impulsivos e violentos, agressivos e criminosos. Nestes casos, o sujeito passa de uma representação para um ato direto, sem nenhuma mediação simbólica. De acordo com as proposições freudianas, o ato teria a mesma função da palavra, tornando-se também um discurso capaz de expressar um sofrimento. Assim, os atos seriam plenos de sentido, sem qualquer vazio intrínseco.

Não é com este sentido que examinado neste artigo a problemática das patologias do ato neste trabalho. A partir do que foi discutido, compreende os atos nesses casos como um recurso na tentativa de fuga da ameaça do excesso pulsional, contra o qual o ego tem poucos artifícios para se defender.

Barros (2012), diante desses casos, se questiona se há uma crise do sentido, pois o recurso ao ato se dá através de um curto-circuito, onde não há elaboração psíquica e os atos são automáticos e em série. Isto traz dificuldades para a função do psicanalista se ele assume apenas o papel de intérprete do sintoma na neurose clássica. Porém, a produção

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

de sentido não está ausente, “senão que se tornou mais difícil situar a alteridade capaz de enunciá-lo ou legitimá-lo” (BARROS, p. 106).

Na psicanálise, a ideia de ato compulsivo sempre foi atrelada aos pensamentos e rituais obsessivos. Nestes termos, o ato era compreendido como expressão do material fantasmático. Na análise, a interpretação do analista religa ato e fantasia. Porém, na clínica contemporânea, os sujeitos repetem atos ausentes de sentido, impossibilitando a interpretação da ação tendo como pano de fundo a fantasia (CARDOSO, 2015).

As compulsões estão presentes desde os tempos freudianos como mencionamos, o que nos chama atenção é a disseminação desses casos e a aparição em diversas organizações subjetivas, não só na neurose obsessiva clássica. Assim, as compulsões nos levam a repensar o conhecimento teórico e técnico da psicanálise e os seus modos de escuta do sofrimento psíquico (CARDOSO, 2015).

De acordo com Birman (2003), as compulsões seriam uma forma atrapalhada de agir que o sujeito utiliza diante da impossibilidade de agir satisfatoriamente de acordo com os ditames da sociedade do espetáculo e da performance. Desconsertado, desajustado, paralisado e tomado pela insegurança de si, o sujeito age de maneira desastrada na tentativa de encontrar algo que estabeleça o seu equilíbrio e o sustente, expulsando de si o excesso pulsional que o ameaça. Certamente os seus efeitos duram pouco, por causa disso é preciso repetir o ato a todo instante.

Segundo Barros (2012), as atuais características do compulsivo correspondem à repetição das ações sem sentido, à recusa à interpretação e à apresentação de uma nova demanda ao analista para produzir um saber sobre seu sintoma. Estas peculiaridades remetem mais às concepções de trauma mais precoce e à compulsão à repetição de “Além do princípio do prazer” do que às ideias na neurose obsessiva clássica, pois evidenciam uma constituição de um ego frágil. O neurótico clássico freudiano através do ato procurava realizar um desejo. Porém, nas compulsões sem sentido, encontramos o motor dessa repetição na própria repetição pulsional, tal como descrita em 1920. Dessa forma, o sentido do sintoma é a repetição.

Nesse sentido, de acordo com Cardoso (2015) não é mais possível compreender os sintomas obsessivos contemporâneos só como uma expressão de uma fantasia inconsciente. A dificuldade de representação dos pacientes – não necessariamente neuróticos obsessivos - indica um limite para a elaboração simbólica. Isto exige uma transformação do método clássico freudiano baseado na escuta flutuante/ associação

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

livre/ interpretação.

Com os quadros da atualidade temos de ampliar o dispositivo analítico, compreendendo de maneira mais complexa a interpretação, a transferência, a constituição do ego e o próprio lugar do analista. Por meio de suas precárias associações, do discurso esvaziado, da dificuldade de representar e de simbolizar acreditar que aí se encontram os lampejos de subjetivação com os quais podemos trabalhar (CARDOSO, 2015). As compulsões como as adicções são patologias que podem ser enquadradas dentro dessas precárias associações, e da dificuldade de representar e simbolizar que é característico das sociedades contemporâneas. Assim, os dispositivos analíticos precisam ser repensados, tendo em vista que o modelo clássico não consegue dar conta das novas formas de subjetivação e, conseqüentemente, de padecimento.

Lacan (1991) no Seminário 7 discutiu questões importantes, que ressoam como uma das formas de repensar os dispositivos analíticos na contemporaneidade. Nesse seminário sobre a Ética, Lacan afirma que a psicanálise é uma ética. O que ele quis dizer com isso? Para Lacan a psicanálise não seria um saber baseado em um conjunto de princípios técnicos, de saberes científicos, com o intuito de enquadrar todos os sujeitos dentro de um saber, pelo contrário, a psicanálise tem a ver com as perguntas sobre o desejo dos sujeitos e até que ponto os mesmos cedem ou não a ele.

Percebe-se que a ética da psicanálise faz com que os sujeitos “reflitam” sobre os seus desejos, de uma maneira íntima e singular. Por meio da ética da psicanálise é possível repensar os dispositivos psicanalíticos e, consequentemente, lidar com o que foi descrito como “patologias do ato”, assim, seria possível desconstruir a concepção de dispositivos fixos para lidar com os “novos” mal estares. Dentro da própria psicanálise existem “instrumentos” teórico-clínicos para lidar com as formas de padecimento na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade é marcada pelo imperativo da performance e da ação. Os modos de sofrimento psíquico, consequentemente, são marcados pela exterioridade, o que acarreta impactos importantes para o dispositivo analítico. Este artigo buscou enfocar esse cenário de transformações, ressaltando alguns caminhos para a compreensão desse contexto pelo viés da psicanálise. Através da neurose, Freud pôde depreender os dilemas do sujeito do seu tempo, encontrando na lógica do inconsciente as suas respostas. Sob

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

uma moral sexual rígida e a obrigação de impedir a força destrutiva de todo ser humano de se manifestar, emergia o sofrimento psíquico do homem moderno, ao reivindicar o livre exercício da sexualidade e da agressividade.

Contudo, a contemporaneidade não apresenta mais referências externas que sirvam de pano de fundo a para constituição subjetiva, sobre esta transformação nos dedicamos no segundo eixo do nosso trabalho. Mostrando que não podemos permanecer entendendo as formas de subjetivação apenas a partir da neurose clássica. A subjetividade da atualidade é marcada pela ausência de referências, o que obriga os sujeitos a construírem as suas próprias, pelo achatamento do mundo introspectivo e pela valorização da performance.

No contexto clínico, essas transformações provocam a diminuição do aparecimento das neuroses clássicas dos tempos freudianos e o aumento expressivo das denominadas patologias narcísico-identitárias. Uma saída para repensar os dispositivos analíticos seria o retorno aos textos freudianos e lacanianos, recuperando a clínica psicanalítica da singularidade, do "caso a caso", que muitas vezes acaba sendo esquecida. "Novas" formas de padecimento exigem "novos" dispositivos analíticos para pensar a clínica.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. R. **Compulsões e obsessões: uma neurose de futuro (Para Ler Freud)** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. **Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial, Rio de Janeiro**. 2010. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port. 78 pdf.

_____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 8° Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Ana Carla da Silva Ferreira. **Narcisismo e contemporaneidade**: repercussões para o dispositivo analítico. UFRJ / Instituto de Psicologia / Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, 2015. 82 f

COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ISSN 2674 - 7154 VOL.01/2023

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo:** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, S. **Obras Completas**, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

_____. (1900) "A interpretação dos sonhos", v. IV e V.

_____. (1905) "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", v. VII, p. 119- 231.

_____. (1913 [1912-13]) "Totem e tabu", v. XIII, p. 13-162.

_____. (1914) "Sobre o narcisismo: uma introdução", v. XIV, p. 77-108.

FERENCZI, S. (1909) "Transferência e Introjeção". In: **Obras Completas Psicanálise**, 2.ed, WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011. v. I, p.87-124

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERZOG, R. O laço social na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. VII, n.3, 2004. p. 40-55.

LACAN, Jacques. **O seminário – livro 7:** a ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PINHEIRO, T. "Algumas considerações sobre o narcisismo, instâncias ideais na melancolia". **CADERNOS DE PSICANÁLISE**, RIO DE JANEIRO, n.15, p. 20- 28, 1995a.

_____. **Ferenczi: do grito à palavra. Rio de Janeiro**: Jorge Zahar. Ed. UFRJ, 1995b.

_____."Escuta analítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia e a contemporaneidade". **Psychê**. São Paulo: , v. 9, p. 167-176, 2002.

PINHEIRO, T. & Herzog, R. Impasses na clínica psicanalítica: a invenção da subjetividade. In: **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial**, Rio de Janeiro, 2003.